

CADEIRA N.º 28 (da reforma de 1930)

Patrono: Oto de Alencar

Vaga: Falecimento de José Sombra Filho

Recipiendo: Dolor Uchoa Barreira

Recipiendário: Leonardo Mota

Data da posse: 4 de outubro de 1937 (eleição)

LEONARDO FERREIRA DA MOTA. Filho de Leonardo Ferreira da Mota e Maria Cristina da Silva Mota, nasceu na então vila, hoje cidade de Pedra Branca, em 10 de maio de 1891. Bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916. O *Leota*, grande folclorista de reputação nacional, "Príncipe dos folcloristas nacionais", como lhe chamaram. Publicou: *Cantadores*, 1921; *Violeiros do Norte*, 1925, prêmio da Academia Brasileira de Letras; *Sertão Alegre*, 1928; *No Tempo de Lampião*, 1930; *Prosa Vadia*, 1932; *A Padaria Espiritual*, 1938. Todos com edições novas. Faleceu em 2 de janeiro de 1948.

Dolor Barreira

A mim mesmo, em verdade, é que cabia receber-vos, no vosso ingresso à Academia Cearense de Letras. Eu, que não outro, é que haveria de dar-vos as mãos, ao penetrardes os umbrais do augusto sodalício, onde, em contraste com o meu humílimo nome — um dos seus inexpressivos componentes —, rebrilham e refulgem, na mais esplêndida das constelações, os nomes por excelência representativos da intelectualidade da terra de Alencar.

Não que sobreexcelisse aos meus confrades em valimento, que não tenho, e a que não aspiro, pois — repetindo a frase desenganada de José Bonifácio, o Moço — "nada sou, nem nada quero ser". Não que, nos domínios do pensamento, houvesse semelhança de vocações, ou atração, da parte de nós

dois, pelas mesmas idéias. Muito ao invés, o nosso destino espiritual rumou, em todos os tempos, por direções opostas, indo eu para o Direito, para o foro, para a cátedra; vós para a beletrística, para a oratória, para o folclore. Nada disso.

Mas é que, tendo permanecido, em cata de saber, cerca de um lustro, ao lado um do outro, sob a mesma direção moral e religiosa, no inolidável Ginásio de São José, alçapremado nos alcantis da Serra do Estêvão; é que, vindos dali, daquele veio de boa e sã ciência, onde, ao influxo da cultura e da disciplina dos filhos de São Bento — homem de diamante, como o chamou o Papa Zacarias —, entre os quais se destacavam — verdadeiros expoentes — as figuras veneráveis de D. Maurício Prickzi e de D. Ruperto Rudolph, se formou o nosso espírito e nos abastecemos dos conhecimentos fundamentais necessários para mais seguras conquistas, nas futuras lides da inteligência, sempre nos consideramos como irmãos, e como irmãos ainda nos tratamos, timbrando em viver e reviver aquela quadra, de inexperiência juvenil e de rissonhas esperanças, cujos magníficos coloridos o tempo, com todo o seu poder de destruição — que ele é o implacável iconoclasta —, não conseguiu destingir da nossa memória; e, sendo assim, os direitos fraternos teriam de fazer valer as suas preferências, para as saudações do estilo, no momento em que sois chamado a incorporar-vos ao benemérito grêmio, que ora aqui se reúne, por entre os esplendores desta festa.

Leonardo Mota: sem dúvida — e esta constitui, para nós dois, a página íntima deste desalinhavado discurso, porque, desenterrando e galvanizando um passado de quase trinta anos, vai provocar emoções, que somente nós dois podemos sentir —, haveis de ter bem vivo, na tela da vossa saudade — e a oração, acabada de pronunciar, no-lo significa —, o Ginásio de São José, no seu aspecto exterior de convento, na brancura interior das suas paredes, recortadas de portas, que davam para os seus diversos compartimentos, tudo contornando e circundando vasta área, que a meninada, à hora alvoroçada dos recreios, fazia vibrar com os seus saltos, os seus gritos, os seus assobios, as suas brigas, os seus pugilatos, a

sua jucunda, estuante e interminável alacridade; o Ginásio São José, obra daqueles santos Monges, onde se prodigalizava o mais sadio, o mais sólido ensino humanista, onde, com efeito, a mocidade de então vinha abeberar-se, em fecundíssimos haustos, dos mais variados conhecimentos: — de línguas vivas e mortas, de ciências físicas e naturais, de matemáticas, desde as suas mais simples até às suas mais complexas modalidades, de história, quer universal, quer do Brasil, de literatura, nacional e alienígena; o Ginásio de São José, a que, ambos, devemos o vigor e a segurança das nossas humanidades, que nos têm sido tão profundamente proveitosas, na minha e na vossa carreira, e após deixarmos o qual, depois que já se preparara, e lançara aos azares do século, uma turma de bacharéis em ciências e letras, paraninfada pelo Barão de Studart, o glorioso beneditino da história do Ceará, ainda o visitei por duas vezes, uma delas em vossa companhia, enchendo aqueles recantos, então silenciosos e quietos, mas tão povoados das doces recordações de uma despreocupada adolescência, das lágrimas insopitáveis — por que não confessá-lo? — da minha emoção e da minha saudade.

Haveis de lembrar-vos — e o vosso discurso o revela — que, seguindo, juntos, todo o curso, chegamos, ali, ao quinto ano, de cujas cadeiras nos foram subministradas as magistrais lições, que ainda soam, em ecos longínquos, mas nítidos, aos meus ouvidos, de Joaquim Ferreira de Melo, atual Bispo de Pelotas, de Alberto Fiúza Montezuma, arrebatado, pela morte, à admiração dos seus contemporâneos, na plenitude da sua poderosa cerebração, e de Carlos Ribeiro, hoje notável bacteriologista, nesta invicta cidade de Nossa Senhora da Assunção, chegamos ao quinto ano — repito — Clóvis Moura, vós e eu. Pelo que toca ao estilo — se de estilo se pode falar naquela nossa idade — visceralmente diferentes: Clóvis, a simplicidade, elevada à sua mais alta potência; eu, a frase campanuda, empolada, bombástica, a frase nos seus efeitos cenográficos; vós, a expressão apropriada, mas colorida...

Por aquela época, de gorgeado e perfumoso alvorecer, Euclides da Cunha, que era do estofamento mental dos homens que

aparecem de século em século, como de Couto de Magalhães dissera André Rebouças, comparando-o a Livingstone, construíra o seu ciclópico livro *Os Sertões*, livro que, segundo a afirmativa de Afrânio Peixoto, “ficou sem resposta e, na substância, quase sem comentário”.

Pois bem: ainda hoje, agita-me o espírito a lembrança de que constituía uma das minhas tarefas, depois de preparadas as lições do dia seguinte, respigar, numa ansiosa procura, os termos “difíceis”, intrincados, arvesados — que os há, em profusão, naquele livro gigantesco, porquanto, ao que observava Nabuco, Euclides escrevia “com um cipó” —, e alinhá-los, em seguida, num papel, para, pelos dias adiante, afanar-me em decifrá-los, à luz do meu dicionário de João de Deus, então o único léxico do meu conhecimento...

Era, como se vê, a volutuosa idolatria da sonoridade e da pompa da palavra... e o era de tal maneira que, por aqueles bons tempos — ao que acredito —, não compreenderia Machado de Assis, quando, “aturdido e confuso, diante das imagens fulgurantes, em que lhe aparecia a estranha paisagem da terra cearense”, delineada pela pena mágica de Alencar, “inculcava ao autor de *O Guarani* — na enunciação da sua “eterna teoria das meias-tintas e do claro-escuro” — “o caminho da *sobriedade* no estilo...” Como os tempos mudam!... *Tempora mutantur*... Porque, hoje, no tocante à forma, é este o meu modo de pensar, a que não sei se sou fiel na prática: “O melhor estilo é o que narra as cousas com simplicidade, sem atavios carregados e inúteis...”

Haveis de lembrar-vos, ainda — e o vosso discurso, palpitantemente, o indica —, das nossas tertúlias do “Recreio Literário”, que as galas e as vibrações da vossa palavra tornavam, sempre, empolgantes; onde, uma noite, José Paracampos, hoje renomeado pediatra, se fez ouvir, numa eloqüente conferência sobre Castro Alves, entremeada, do começo ao fim, dos versos candentes do Poeta dos Escravos, expressão suprema dessa poesia que, na frase admirativa de Rui Barbosa, “é bela, dessa beleza indefinível, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: comove-se,

quando não ajoelha: *é bella, perchè é bella*; e, outra noite, Alberto Fiúza Montezuma, num ensaio de crítica sobre Fagundes Varela, no qual — ao que nunca pude esquecer-me — o preclaro orador assim definia o poeta de *O Cântico do Calvário*: — “Fagundes Varela era um caso patológico”; e onde, finalmente, ouvindo as majestosas orações do padre Melo e do padre Emílio, era eu penetrado daquela “impressão de encantamento”, experimentada por Nabuco, na sua primeira conversa com Renan, a qual o egrégio publicista brasileiro evoca, enternecidamente, nas páginas encantadoras da *Minha Formação*...

De tudo isso, Leonardo Mota, estareis, sem dúvida, lembrado, fato conhecido que é, em psicologia, que não emurchem, jamais, as nossas primeiras impressões...

Do que, possivelmente, não estareis lembrado é de que foi de vossa lavra o primeiro discurso que proferi na vida, aquele com que, no Ginásio São José, anunciei, à numerosa e fervilhante assistência, a representação de um drama, cujo título não mais me ocorre, mas em que desempenhava o papel de um anacoreta, de compridas barbas brancas e de escura e triste estamena...

Mas... basta de recordar, embora, no dizer de Machado de Assis, seja recordar o menos mau ou, ao que nota Alexandre Herculano, o venerando solitário de Val-de-Lobos, recordar seja viver outra vez... Basta, sim, porque o tempo urge, outros deveres me chamam e preme-me a necessidade inelutável de desobrigar-me da pesada, mas enternecedora, incumbência...

Meus senhores:

Um dia, Humberto de Campos perguntou-se a si mesmo, lembrando-se da frase de Voisenon, e referindo-se a Manuel Bonfim: “Por que este homem não é ainda da Academia Brasileira?”

Fazendo minha a frase lembrada, não me posso ter que me não interroge: “Como se pode compreender, Leonardo

Mota, que ainda não façais parte da Academia Cearense de Letras?” Vou adiante: “Como se concebe que o vosso nome, já então aureolado, não tivesse sido incluído entre os nomes dos reconstituidores da conspícua corporação?” Vou mais além: “Como acreditar-se que cingisse a minha, e não a vossa cabeça, o insigne louro, o louro de “imortal”, certo como é que eu fiz, sempre, do Direito, no gabinete e no pretório, o objetivo precípua das minhas lucubrações, quando vós, muito ao contrário, fizestes, sempre, do culto da arte literária, através do livro, do jornal e da tribuna, a vossa máxima, posso mesmo dizer — exclusiva preocupação?!..”

Perdoem-me, se sou precipitado, ou se cometo um erro de apreciação: mas a verdade é que a exclusão do nome de Leonardo Mota, do rol dos sócios, que refundiram a Academia Cearense de Letras, se me afigura, como sempre se me afigurou, um ato de flagrante e indesculpável injustiça. . .

Afinal — e antes tarde que nunca — a ínclita agremiação se apressa em repará-la, chamando-vos a preencherdes um dos claros, trazidos às suas fileiras, com o trágico e doloroso desaparecimento de um dos seus mais luzidos e intemeratos soldados — o inesquecível José Sombra —, um espírito de eleição, que fez da ciência a religião de toda a sua vida, dando, assim, a mais integral realidade ao “pensamento do sábio historiador francês a quem Chateaubriand apelidou — Homero da História: . . . *il y a, au monde, quelque chose qui vaut mieux que les jouissances matérielles, mieux que la fortune, mieux que la santé elle-même, c'est le dévouement à la science*” . . .

E esta festa, senhores meus e meus nobres confrades, afirma-se-me, inquestionavelmente, como uma reparação. . .

Meus senhores:

“É muito mais fácil escrever sobre os mortos que sobre os vivos. Primeiramente, porque a morte “fixa” todos os aspectos de um autor, ao passo que a vida permite todas as possibilidades de deflagração, que a vida humana nos dá. De modo que podemos estudar um morto “acima dele”, consi-

derando-o um conjunto, e, portanto, examinando todos os aspectos de sua obra e esclarecendo cada um, à equidistância dos demais. A morte, geometricamente representada, seria um "círculo": a vida, um "cilindro" ou "viga". Numa "obra em curso", como James Joyce chamou ao seu último livro, estamos em face de um pensamento itinerante, que pode trazer as maiores surpresas, pois a inteligência humana, graças a Deus, e a despeito dos deterministas, é o grande laboratório de imprevisto, com que corrigimos a monotonia intolerável das cousas necessárias. Não podemos estudar os vivos "acima deles" e sim "no mesmo plano". De modo que há uma distância incomensurável, que é a da ponta misteriosa da viga, a da proa do barco, com que, em vida, vamos, sempre, rompendo novos mares, e que representa, sempre, o ponto pelo qual o autor escapa às mãos impiedosas e aos olhos indiscretos dos críticos.

Os mortos deixam, passivamente, que se levante a planta dos terrenos, que cultivaram, cu não, em vida. Ao passo que os vivos conservam, sempre, o gosto, tão humano, da contradição, com que gostam de desmentir os críticos, forçando a sua natureza, ou revelando aspectos inéditos da sua capacidade criadora.

Os mortos, além disso, não reagem pela presença. Ao passo que os vivos possuem essa estranha força catalítica, que perturba, nos mais serenos, a objetividade de toda compreensão crítica de suas obras. Por esses e outros tantos motivos é mais fácil falar dos mortos que dos vivos, pois a morte pacifica as paixões e cria em torno dos seus filhos uma aura de saudade, que facilita todos os julgamentos, trazendo à inteligência essa gota de coração, que é como um óleo sutil, que amacia todas as engrenagens dialéticas".

Estas palavras não são minhas, mas, sim, de Tristão de Ataíde, e ornaram um dos substanciosos capítulos do seu *O Espírito e o Mundo*, cuja leitura meditada, ainda há pouco, terminei, sobremaravilhado, como sempre, com a cultura invulgar e o alto senso analítico do excelso ensaísta.

Não pude, todavia, resistir à tentação de trasladá-las, a despeito da extensão do respectivo enunciado, pois constituem um todo, homogêneo e indivisível, na verdade do seu conceito central, e na das razões de convicção com que se justifica e fundamenta.

Com efeito, é muito mais difícil fazer a apreciação de um homem de letras vivo que a de um homem de letras morto. Quando não fosse por todos os motivos, em que assenta a argumentação do festejado representante da publicística nacional, bastaria o fato de estarmos, sempre, em face de idéias que, sujeitas, pelas próprias contingências do espírito, em seu permanente *in fieri*, a mudarem de diretriz e a, perpetuamente, se renovarem, podem trazer, a todo momento, as maiores surpresas ao observador, desmentindo-lhe e contradizendo-lhe, muitas vezes, pontos de vista, até então considerados irrecusáveis, e que constituíam a razão de ser de muitas das suas afirmações.

O vosso caso, porém, Leonardo Mota, parece refugir a essa dificuldade. É que a vossa obra (que a tendes, porquanto, desde cedo, vos convencestes de que “não ter obra é o não ser”, no juízo incisivo de Ramalho Ortigão) tem obedecido, através de todos os tempos, no transcurso da sua evolução, a um plano e a um pensamento dirigente, qual o de revelar os nossos sertões, na sua psique, na sua vida imaginativa, nas suas tradições, na sua poesia, nos seus costumes, assim que se pode asseverar que, de corpo e alma que a ela vos dedicastes, se trata de uma obra definitivamente “fixada”, na análise da qual, por isso mesmo, pode a crítica, confiantemente, se exercer, e já se tem exercido, amplamente, entre outros, pelos autorizados julgamentos de João Ribeiro, Humberto de Campos, Agripino Grieco, Osório Duque Estrada e Amadeu Amaral.

Senhores:

O vitorioso evocador de *Massangana* tinha um caderno, de 1869, em que copiava as páginas que, em suas leituras,

mais lhe feriam a imaginação — método, dizia ele, de educar o espírito, de adquirir a forma do estilo, e que o grande escritor morto recomendava aos que se destinam a escrever.

Seguindo essa trilha, tenho, não apenas um, mas diversos cadernos, em que me habituei a anotar, dos livros tidos tudo o que interessa, ou possa interessar, à minha insaciável curiosidade intelectual, somente comparável à que Anatole France exprime, por este teor, em *La vie en fleur*: — “*J’aspire à tout voir, tout savoir, tout sentir, à renfermer le monde entier en moi*”.

Num desses meus cadernos, que guardo como preciosos relicários, está anotado que Renan, o suave Santo Ernesto do agiologío leigo, como o cognominava Humberto de Campos, dera, ao autor de *Um Estadista do Império*, o conselho, que este transmitiu à geração de literatos do seu tempo, de entregar-se aos *estudos históricos*, acrescentando que “não há, em regra, nada mais ingrato, nem mais fútil, do que a produção que o indivíduo tira toda de si”.

Doutra dessas queridas anotações consta que Diderot advertia a um amigo: “*Mon ami, faisons toujours des contes. . . Le temps se passe, et le conte de la vie s’achève, sans qu’on s’en aperçoive*” — advertindo Maurice Allem que, “em todos os tempos e debaixo de todos os céus, os homens têm amado os *contos*” . . .

Alfredo Pujol, numa das suas memoráveis conferências sobre Machado de Assis, enfeixadas no livro que, na expressão de Medeiros e Albuquerque, “é o maior monumento que até agora foi erigido à memória do autor de *Braz Cubas*, refere que este, apreciando uma novela de Macedo, concitava-o “a cultivar o *romance literário*, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue, inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade”.

Leonardo Mota, porém, sem embargo do estimável dos conselhos e do abalizado dos conselheiros, pôs de lado as pesquisas históricas, em que se notabilizaram — para restrin-

gir-me aos cearenses — Capistrano de Abreu e o Barão de Studart, o primeiro tornando-se, pela sua argumentação cerada e pela precisão das suas conclusões, juiz irrecorrível nas matérias em que se especializou, salienta Humberto de Campos, acentuando: “A aposição da sua assinatura, sob um artigo, esclarecendo um ponto controverso, tinha o valor de um selo, lacrando uma carta”.

Deixou à margem o conto, em que se exercitaram, alvissareiramente, Herman Lima, em *Tigipió*, e Antônio Furtado, em *Idéia Fixa*, e o romance, em que, vitoriosamente, se assinalaram Domingos Olímpio, Antônio Sales e Jäder de Carvalho, respectivamente, com *Luzia-Homem*, *Aves de Arribação* e *Classe Média*, e que, ainda, constituiu o objeto, se fez o alvo das predileções intelectuais de Raquel de Queirós e Fran Martins, das quais são frutos opimos *O Quinze* e *Ponta de Rua*.

Excluiu, outrossim, das suas preocupações, a crítica — esse “secretário do público”, como a definiu, certa vez, Saint-Beuve, “encarregado de redigir, cada manhã, o pensamento de todo o mundo” —, e na qual se distinguiram Adolfo Caminha, Rocha Lima e Araripe Júnior; a filologia, em que se enfiaram as envergaduras másculas de Heráclito Graça e Martinz de Aguiar; e as atividades jornalísticas (refiro-me ao jornalismo puro, cujo exercício fazia o supremo orgulho do autor das *Memóires d’Outre Tombe*, como se vê do seguinte diálogo, que Rui Barbosa rememora, travado entre o Presidente do Tribunal e o réu, por ocasião do interrogatório, feito no curso do célebre processo, a que respondeu “o homem que escrevera o *Gênio do Cristianismo*, traduzira Milton e arrostara Bonaparte”: “Acusado, vosso nome? — Francisco Renat, visconde de Chateaubriand, — Vossa profissão? — Jornalista”), atividades essas nas quais se amestravam as penas privilegiadas de Valdimiro Cavalcante, H. Firmeza, Matos Ibiapina, Pedro Firmeza, Fernandes Távora e Andrade Furtado.

Disso tudo fez *tabula rasa* o valoroso recipiendário. Nada disso o enfeitiçou ou seduziu.

Mas atirou-se com toda a *vis nutrix* de um ideal, longamente acalentado, aos domínios do nosso folclore, que, aliás,

depois da gramática, segundo o reparo de Humberto de Campos, "a província do conhecimento em que se observam maior balbúrdia e maiores desinteligências, em nossa vida de letras", onde, entretanto, pelos triunfos obtidos, vingou o nome de Leonardo Mota projeção nacional, com classificação na história da literatura brasileira.

Aí, nesses domínios, não vos limitastes, Leonardo Mota, a escrever com o espírito; escrevestes com toda a seiva vital, escrevestes com os músculos e com os nervos, como diria Sainte-Beuve, ao que Prado Coelho atesta.

Porque, de fato, fazendo a revelação dos nossos sertões, da alma e dos costumes sertanejos, através da sua poesia, das suas cantigas, da sua linguagem, dos seus ditados, dos seus modismos, dos seus adágios, das suas superstições, das suas lendas, Leonardo Mota, na apreciação de Aníbal Fernandes, "não é sertanista *boulevardier*", "nem fala de oitiva" sobre os assuntos de que trata. Ao contrário, tudo o que ele nos diz, tudo o que ele nos transmite, "é porque viu e porque viveu", "porque esteve ao lado do nosso homem rústico, intimamente, não como um viajante apressado, mas como um amigo, um camarada, um irmão, misturado com ele, integralizado no seu pensamento e nos seus sentimentos mais íntimos".

Valeu-lhe as expressivas antonomásias de "Embaixador dos Sertões", de "Larousse do mato", de "Anchieta do gênio dos repentistas caboclos", de "Rondon das letras matutas", de "Missionário da lírica plebéia", essa característica inconfundível do seu sertanismo.

Vós mesmo, Leonardo Mota, destes-lhe relevo, dizendo, numa palestra, que intitlastes de *Musa Matuta*:

"Quando de regresso da minha peregrinação, num involvidável serão de letras, no lar patriarcal do legendário Juvenal Galeno, tive de agradecer cativante preito da intelectualidade da nossa terra, assegurei o meu propósito de prosseguir na minha bem intencionada propaganda das virtudes ráticas da gente sertaneja, em quem Álvaro Fernandes descobriu o barro plástico, o sólido cimento e Euclides da Cunha descobriu a rocha viva da nossa nacionalidade.

“Diz-me agora a consciência que tenho sabido honrar os propósitos enunciados num instante fugaz de consolação e de conforto. Foi em cumprimento daquela promessa que, para a feitura de um segundo livro, ainda recentemente, estive, durante meses, internado nos sertões da Paraíba, e é em satisfação daquele compromisso que estou, de vez em quando, a incursar no sertão cearense, indo surpreender no seu habitat os nossos cantadores, entregando-me ao contínuo trabalho de ceifa, nas próprias searas, da abundante messe poética da alma da nossa gente. Dou destarte, aos meus contemporâneos, a certeza de que não recorro a cartas nem me louvo no informe de terceiros, para dizer de gentes e cousas do sertão. Tudo quanto digo foi por mim visto e ouvido *in loco*, ao pé das violas, integralizado na vida matuta, a que freqüentemente me restituo.

“Se os meus esforços vão aproveitar à nossa esquecida literatura folclórica, não devo ser quem o reconheça, nem muito menos quem, cândida ou tonitroamente, o proclame! O que espero da crítica é a justiça de me não aparceirar com aqueles escritores que fazem o “sertanismo de indução” e aos quais se refere o publicista baiano Afonso Costa: “artistas de gabinete que, postos em torno dos eflúvios de flores de estufa e de jarras de Sèvres ou cristais de Bacarat, imaginam criações de cenas, de paisagens, de tipos e cousas do sertão e soltam a pena corredia para as narrativas sertanejas, quando o não fazem por meio de informações que já lhes vieram com a eiva da falsificação”.

Em verdade, não há confundir-vos com os que, no assunto, têm feito obra de mero tradicionalismo “de fachada”, se assim me posso exprimir, de tradicionalismo de pura fantasia, qual parece ter ocorrido com Afonso Arinos, que, se bem “tinha todos os entusiasmos possíveis pelas nossas tradições e pelas nossas lendas”, “amava essas cousas à distância”, observava-as de longe, imaginava-as, mesmo, confinado nas quatro paredes da sua opulentíssima biblioteca, e sobre elas escreveu, metido nas suas lãs e de envolta com os seus livros.

Diferente, porém, de toda essa gente, — e nessa circunstância reside o traço superior, que dela vos distingue —, fizestes, com sacrifício vosso, obra vivida e revivida, indo apanhar o sertanejo no seu meio, sentindo-lhe os amores rudes, a religiosidade supersticiosa, as alegrias explosivas, a mordacidade inocente, a ircnia com que “sabe rir-se dos outros e de si mesmo”, as valentias, as bravatas, as fanfarronadas, “copiando-lhe a alma ao natural, tomando-lhe em flagrante o sentimento, o gosto, todas as tonalidades fugidias do seu espírito perspicaz e inculto”.

Mas, afinal, do seu contato com os sertões e com os seus habitantes, que nos trouxe Leonardo Mota?

Trouxe-nos — ao que diz Agripino Grieco — esses “documentos que esclarecem a vida dos nossos liristas e humoristas rústicos, os nossos últimos boêmios, às voltas com um romanceiro meio selvagem, em que se retratam, e à sua região, cândidos e cínicos, rindo-se da própria miséria e da riqueza alheia”.

Trouxe-nos, com os perfis morais, pinturescamente traçados, de Sinfrônio, que “cegou quando tinha apenas um ano de idade”, de Jacó Passarinho, “apreciador dos trocadilhos”, de Azulão, “uma de cujas características é o entono com que pronuncia todas as letras e sílabas de um vocabulário hediondamente deturpado”, do Cego Aderaldo, do Luís Dantas Quesado, de “prodigiosa memória”, de Serrador, “destro nos repentes”, de Anselmo, “fecundíssimo no descante de chácaras”, essa abundantíssima coleção de quadrinhas, romances, trovas, emboladas, desafios, quase sempre cantados ao som gemebundo e dolente das violas, essa coleção fartíssima de fábulas, lendas, superstições, anedotas, poesias religiosas, historietas de fundo moral, essa riquíssima coleção de vocábulos sertanejos, adágios, anexins, modismos, todas as quais constituem a preexcelente tessitura de *Cantadores*, de *Violeiros do Norte*, de *Sertão Alegre* e de *No Tempo de Lampião*, tendo dito João Ribeiro, sobre o primeiro indicado, que era um dos livros mais interessantes do ano, “pela profusão, riqueza, espírito e graça”, qualidades essas tanto mais apre-

ciáveis — acrescentava ele — “quanto o seu autor propositamente evitou repetir o que andava já conhecido e vulgarizado por seus precursores”.

No último deles, além do mais, Leonardo Mota expõe, em toda “a nudez forte da verdade”, como diria Eça de Queirós, a infernal congêrie de atrocidades, de insânias, de crimes, praticados por Virgulino Ferreira e seu bando, na sua sinistra marcha através dos nossos desprotegidos sertões, e o faz com a altiloqüência de quem clama, dos Poderes Públicos, medidas decisivas, conducentes à inadiável extirpação do cancro social, que nos enxovalha e desmoraliza, do banditismo e do cangaço.

Senhores:

Na divisão tripartida dos nossos folcloristas, Leonardo Mota pertence, como resulta do que dissemos, ao primeiro grupo, ao grupo dos colecionadores, de que foi chefe Sílvio Romero, sobre quem, entretanto, prima, indiscutivelmente, porque, ao contrário do seu antecessor, a sua colheita é de primeira mão, consequência de uma ligação pessoal, íntima e direta, com a vida e a alma sertanejas.

Joaquim Ribeiro, realmente, definindo a situação atual dos estudos folclóricos, nas letras brasileiras, escreveu: “Há duas maneiras de encarar o folclorista: o colecionador de tradições e o investigador e exegeta. Sílvio Romero foi unicamente coligidor; criou escola e tem uma infinidade de seguidores. João Ribeiro, ao contrário, é unicamente investigador, e se não despertou ainda grande número de discípulos, alguns há, contudo, que constituem, já, uma indiscutível consagração. Lindolfo Gomes reúne em si as qualidades de perspicaz coligidor às de eruditíssimo investigador...” E conclui: “Já aí, dividimos as três escolas do nosso folclore: a de Sílvio Romero (ou dos colecionadores); a de João Ribeiro (ou dos investigadores); a de Lindolfo Gomes (ou escola eclética)”.

Humberto de Campos, impugnando, embora, a denominação de escolas, dada a esses três grupos (que assim os cha-

ma), afirma parecer-lhe “que é essa, de fato, neste momento, a distribuição da atividade brasileira no domínio do folclore”. E, depois de consignar que “cada uma dessas especialidades reclama capacidades especiais, coloca, efetivamente, Leonardo Mota, segundo afirmamos, entre os colecionadores, ou seja, entre os discípulos do eminente sergipano, que tanto indagou de cousas e homens do Brasil e, sobre umas e outros, tanto e tão magistralmente escreveu.

O digno recipiendário, porém, mais do que qualquer outro dos sectários de Sílvio Romero — pelo direto das fontes onde bebeu —, fornece materiais mais garantidos, e, por isso mesmo, menos falíveis e mais eficientes para fecundas conclusões e altas sínteses, nas excogitações da nossa sociologia.

Senhores:

Voltaire falava, nas suas *Memórias*, do “*estrago das letras*”, queixando-se da guerra que ele lhe fazia. E notava: “Aí está o fruto dos meus trabalhos; mas eu facilmente me consolo, ora no meu retiro de Cirey, ora na boa companhia de Paris”.

Rousseau flagelou e fulminou as letras, achando-as funestas e nocivas para o homem — paradoxalmente, adverte Maria Amália Vaz de Carvalho, porque as servia e adorava — e considerando a sua paixão por elas “a causa de todos os seus infortúnios”.

Em apóstrofe desvairada, grita Humberto de Campos: “Por que não desceu sobre a minha inteligência nascente o véu de cinza que, agora, me ameaça os olhos cansados, para que me não penetrasse o espírito, com a intimidade daquelas vinte e cinco letras, a paixão por este vinho diabólico, que me embriaga, e que me faz correr, cambaleante e impotente, dia e noite, na vã perseguição da Ventura e da Verdade?”

Não sei, Leonardo Mota, se pensais assim... Aliás, se assim pensais, não me consta que, desse modo, e em algum tempo, vos tivésseis enunciado...

Não sei, ao contrário, se tendes achado, nas letras, essas inefáveis suavidades, tão gabadas, há dois mil anos, por Cícero proscrito... O certo, contudo, é que — ou as considerásseis anjo ou demônio —, madrugastes, na vida, de mãos dadas com as letras e tendes vindo às voltas com as letras, pela vida fora...

Madrugastes na vida, de mãos dadas com as letras, sim, porque, ao contrário do autor do *Émile*, que contava mais de quarenta anos, quando se lembrou de escrever, começastes a escrever, menino ainda, quando, meu condiscípulo no Ginásio São José, vos desentranháveis em lindos poemas e re-bentáveis em discursos cintilantes, com que encantáveis os vossos ouvintes, aos acentos emotivos da vossa eloquência arrebatada...

E, às voltas com as letras, pela vida fora, é que vos constituístes, além de cultor do nosso folclore, o exímio conferencista, ressumbrante de graça, de verve, de conceito sutil, e do qual fala alto, além de outros, esparsos pelos vossos livros, esse capítulo de *Prosa Vadia* a que destes a seguinte epígrafe: “A cousa melhor deste mundo” —, e onde escrevestes, copiosamente, o elogio da mentira, não duvido que com alta e filcsófica compreensão, porque, no dizer de Anatole France, se a humanidade tem necessidade de verdade, tem, decerto, muito maior necessidade de mentira, “*qui la flatte, la console, lui donne des espérances infinies*”. “*Sans le monsonge — explica o ático ironista de Les Opinions de M. Jérôme Coignard — elle périrait de désespo:ir et d'ennui*”.

Pela vida fora, às voltas com as letras, é que lograstes ser o interessantíssimo cronista, o invejável manejador desse gênero literário, “ressuscitado, em França, a meio do século passado, pela alacridade estonteante de Eugène Guinot”, e que o velho Larousse acha talvez a cousa mais difícil de definir...

Às voltas com as letras, pela vida fora, é que, finalmente, sem terdes propósitos de escolas, nem vos sujeitastes a dogmas e preceitos estabelecidos, fostes, sempre, um incorrigível e impenitente enamorado da beleza, sem dúvida conven-

cido de que ela traz consigo, segundo a fórmula do crítico de *La Vie littéraire*, uma verdade mais alta e mais profunda do que a própria verdade: “*J’oserai dire qu’il n’y a de vrai au monde que le beau*”.

Leonardo Mota:

É já notável a vossa bagagem literária. Em plena elaboração intelectual, como vos mantendes, estais, entretanto, no caso de aumentá-la e enriquecê-la com novas produções. Aliás, prometeis-nos trazer à luz, além de *Padaria Espiritual* e *Cabeças Chatas*, o vosso principal livro, que é o *Adagiário Brasileiro*, “alentada coletânea de quase cinco mil expressões coletivas, que têm curso em nosso país, e que são paralelizadas com as correlativas em francês, italiano e espanhol — primeiro vultoso estudo, que se faz, da paremiologia, inexplorado setor do nosso folclore” . . .

Assim o fazendo, é claro que, sobre conquistardes outros troféus, na região encantada das letras, tereis contribuído para exaltar o nome da ínclita corporação, um de cujos postos acaba de ser-vos designado.

E ela assim o espera.

Agora, empossando-vos na cadeira de José Sombra, que, tão merecidamente, passais a ocupar, a Academia vos manda, por meu intermédio, os seus cumprimentos e prolfanças, apertando-vos as mãos, em efusivo e cordial *shake-hands*.

Sede bem-vindo.